



Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

REFORÇAR E CONSCIENCIALIZAR A BASE DO PARTIDO

Por MORENO

O crescente descontentamento popular, que por toda a parte se manifesta, busca nas forças democráticas e em particular no nosso Partido a orientação necessária à solução dos problemas fundamentais do país.

Até hoje o Partido Comunista Português tem-se encontrado na vanguarda da luta contra a governação salazarista. Mas um tal facto não nos deve levar a considerar que no nosso Partido nada há a melhorar ou a corrigir, bastando seguir rotineiramente o mesmo caminho, sem cuidar de modificar os métodos de trabalho, sem dar combate às deficiências e aos erros que a actividade diária tornou evidentes.

A LIGAÇÃO COM AS MASSAS E O RECRUTAMENTO

O carácter de vanguarda do nosso Partido é determinado pela sua ligação com as massas, pela sua capacidade para orientá-las e organizá-las na luta ascendente para a Democracia e o Socialismo.

Neste domínio a base do Partido, as células de empresa, de rua, escola, barco, aldeia ou herdade, são os elos fundamentais dessa ligação. Elas levam aos trabalhadores a orientação do Partido e recebem destes a riqueza de ensinamentos que determinam uma linha justa.

Para que o Partido se fortaleça e desenvolva torna-se necessário que a base do Partido reforce a sua ligação com as massas, seja o eco das aspirações mais prementes dos trabalhadores, se encontre à cabeça das lutas pela satisfação dos seus problemas e aplique na prática a linha do Partido.

Na acção dirigente do Partido e no seu reforçamento com os largos sectores laboriosos está implícito o problema do recrutamento de novos militantes, pois a classe operária oferece à sua vanguarda os melhores combatentes, na medida em que esta se mostra apta à luta e ganha força e consciência políticas.

O recrutamento de novos membros é, pois, uma prova da ligação do Partido com as massas, é uma resultante da sua acção diária na defesa dos interesses

dos trabalhadores. As organizações que se não renovam mostram, na prática, o seu isolamento das massas laboriosas, são a expressão do envelhecimento político que as coloca à margem da vida social e dos problemas essenciais do país.

CAUSAS DE UM RECRUTAMENTO DEFICIENTE

Analisando o problema do recrutamento do Partido temos de constatar que ele se processa de uma forma lenta e muito àquém da sua influência política e das suas reais possibilidades.

A que devemos atribuir uma tal situação?

Em primeiro lugar, ao facto de que sendo a base do Partido politicamente fraca não pode assegurar ao problema do recrutamento a eficiência que ele deve ter.

Recuando o contacto com os trabalhadores, substituindo a sua capacidade de luta, em tudo vendo perigos e ameaças, certos militantes da base do Partido não podem e não sabem atrair às nossas fileiras os homens e mulheres que se destacam nas lutas de massas e em pequenos movimentos de protesto contra a exploração patronal e as arbitrariedades fascistas.

A deficiente vida política das células do Partido não permite vencer o atraso que se manifesta entre a disposição de luta das massas e a participação, no Partido, dos trabalhadores mais conscientes.

Os organismos de base não reúnem com regularidade e frequência, para analisarem as tarefas que lhes dizem respeito, para as aplicarem na prática, para darem um balanço às possibilidades de luta na empresa e noutros locais de trabalho, para estudarem a linha do Partido, os problemas fundamentais da organização, da Unidade, da Juventude, dos sindicatos e de outras formas de acção que as condições requeiram.

A rotina e o sectarismo instalam-se desta forma na vida dos organismos básicos do Partido, limitando qualidades naturais dos militantes, viciando-os num estilo de trabalho que os impossibilita de progredir politicamente e de aplicar na prática a linha justa do Partido.

O trabalho individual é o controle individual, apesar do muito que se tem escrito, condenando-o como contrário às normas leninistas do Partido, subsiste em larga medida nas relações dos organismos intermédios e dos funcionários com as organizações de base. Um tal tipo de controle leva ao estiolamento político, ao cansaço dos militantes, à ausência de trabalho colectivo e à estagnação dos quadros que não são chamados à realização de tarefas.

As causas de uma tal situação devem-se às formas rotineiras e praticistas que caracterizam a vida do Partido, em que os problemas de organização não são devidamente estudados e em que a formação política dos quadros tem sido descuidado, em que o sectarismo e o dogmatismo criaram profundas raízes.

Em muitas organizações de base perdura ainda o mesmo sistema de controle, condenado desde há muito em várias reuniões da Direcção do Partido, em que se não discutem as tarefas, as resoluções ou a orientação do Comité Central, a situação política nacional e internacional, em que se não encontra tempo para comentar e discutir os artigos essenciais do «Avante!» e de «O Militante» ou o conteúdo dos folhetos que vêm sendo editados.

REFORCEMOS A BASE DO PARTIDO

As acções políticas que temos de conduzir para afastar Salazar do poder, para reforçar e alargar a unidade, para pôr em movimento o crescente descontentamento nacional são incompatíveis com as formas sectárias de trabalho, com a actividade rotineira, com o dogmatismo e o baixo nível político.

A situação nacional exige dos comunistas uma capacidade política redobrada, uma maior clarividência e uma flexibilidade táctica que se não compadecem da rotina e da estreiteza ideológica, sob pena de nos deixarmos suplantar por outras correntes políticas.

O conjunto das tarefas que o momento determina impõe-nos que vença-mos rapidamente as debilidades que se manifestam no domínio da organização e da formação política dos quadros.

«Sem uma boa organização — ensinou-nos Lênine — não pode haver um bom trabalho revolucionário».

Importa antes de tudo levar vida política às células do Partido, tornando-as elementos dinamizadores das tarefas fundamentais que permitem mobilizar, organizar e orientar os trabalhadores na sua luta por melhores condições de vida e na acção política contra Salazar.

Sem reuniões regulares, sem um controle eficiente que permita aos membros das organizações de base um conhecimento mais detalhado dos princípios essenciais do Partido, da sua estrutura interna e dos seus objectivos, as células não viverão os problemas das massas trabalhadoras e não saberão conduzir estas no áspero caminho da sua emancipação.

O carácter de vanguarda do nosso Partido não se exprime somente pela análise científica da situação nacional e pela justeza da sua linha política, mas pela sua capacidade para aplicar na prática os princípios determinantes da sua orientação em estreita ligação com a realidade.

A tarefa que se impõe consiste, pois, em renovar as formas de actividade do Partido, criar organismos colectivos, que discutam, critiquem e audazmente se lancem ao trabalho sem receio de cometer erros e com a autonomia que os Estatutos do Partido conferem a cada organismo na sua esfera de acção. Vitalizar o Partido, dando-lhe um dinamismo novo, significa pô-lo a par das exigências do momento, pelo estreito contacto com as massas trabalhadoras, de modo a aprender com elas as formas de acção mais adequadas reforçando a combatividade, alterando os processos tácticos do Partido, empreendendo a caminhada para a Democracia de acordo com a realidade.

Precisamos de reforçar organicamente toda a actividade do Partido tornando as células em núcleos vivos e capazes de orientarem os trabalhadores na sua luta contra a exploração capitalista e de renovarem as fileiras do Partido com a participação de novos elementos.

A ajuda fraternal aos quadros na realização das tarefas e no controle de execução; o uso da crítica construtiva e da auto-crítica; a aplicação dos princípios orgânicos estabelecidos nos estatutos e a consciencialização que desses princípios devem ter todos os militantes tornarão igualmente possível o reforçamento do papel de vanguarda do Partido e uma acção mais eficiente das organizações de base na sua ligação com as massas.

Em empresas fundamentais os trabalhadores aguardam a acção dirigente do Partido. Os esforços que devemos fazer para chegar até eles não podem estabelecer-se ao sabor do acaso, mas têm, ao contrário de resultar de uma actividade planificada, em que os quadros actuem, tendo em vista os núcleos mais importantes da classe operária.

Mais do que nunca importa reforçar a actividade das organizações de base não só com medidas orgânicas apropriadas, mas através da educação política dos militantes, de modo a pôr fim ao sectarismo e ao praticismo que domina o nosso Partido.

A EDUCAÇÃO POLÍTICA DOS QUADROS

A educação política dos quadros é uma tarefa essencial e inadiável em que todo o nosso Partido se deve empenhar. Essa educação política para ser eficiente há-de ter em vista as debilidades orgânicas e políticas registadas na acção partidária, de modo a ajudar os militantes a ganharem rapidamente consciência das medidas que se impõe tomar para fazer progredir o Partido.

Por isso o controle de cada célula ou organismo intermédio deve ser feito com a preocupação de levar aos camaradas, de modo simples e objectivo, os problemas políticos e de organização que são ditados pelas necessidades da luta e pelas deficiências que se tenham manifestado no trabalho. Em pequenas intervenções de 15 minutos a meia hora os controleiros explicarão os assuntos fundamentais ou procurarão encarregar um camarada da célula, depois de um estudo anterior de determinado problema, feito por todos os componentes de expor as conclusões a que chegou, submetendo estas à apreciação e discussão do colectivo.

O nosso Partido tem feito um louvável esforço com a edição de vários folhetos sobre problemas fundamentais do marxismo-leninismo e em particular sobre problemas do Partido. Os informes às reuniões do Comité Central e a colectânea de trabalhos apresentados ao V Congresso colocam-se no âmbito desse esforço positivo, destinado a consciencializar todo o Partido das tarefas que se colocam à sua acção.

Todos esses materiais, bem como os artigos do «Avante!», «O Militante», as declarações do Comité Central ou da Comissão Política sobre a situação nacional e internacional devem servir para a formação dos militantes quer pelo estudo individual quer pela discussão que sobre eles se deve fazer nos organismos do Partido.

Trata-se de ensinar aos camaradas o ABC da organização, dos princípios do Partido, do Programa do Partido, da sua política de Unidade, dos aliados da classe operária nesta fase histórica; trata-se de educar os militantes no conhecimento dos princípios elementares do marxismo-leninismo, na vigilância revolucionária contra os inimigos dos comunistas, na defesa conspirativa do Partido, no devotamento à grande causa do Socialismo e da Democracia.

Trabalhamos na clandestinidade, perseguidos vio-

lentemente pelo simples facto de defendermos as ideias do socialismo científico. Os nossos inimigos lançam-se diariamente num combate contra nós, combate ideológico e policial que, ao mesmo tempo que requer capacidade de defesa em face dos esbirros da PIDE exige com mais premência capacidade política para dar combate às calúnias, às falsas ideias, às manobras confusionistas, dos adúlteros do marxismo e para assegurar os êxitos da luta das massas trabalhadoras.

O conhecimento dos princípios fundamentais do socialismo científico dão um novo vigor e uma consciência firme aos militantes do nosso Partido. A bússola do marxismo é mais necessária do que nunca.

Para assegurar ao nosso Partido a sua verdadeira função de vanguarda precisamos de reforçar-lhe a capacidade dirigente no plano político e ideológico e na condução das múltiplas lutas que se desenham no horizonte. Precisamos de reforçar, alargar e consciencializar politicamente a base do Partido, para que se estreitem os laços que nos devem ligar às vastas massas trabalhadoras, a fim de marcharmos audazmente para a nova época que se avizinha: a da edificação da Democracia em Portugal, onde os comunistas saberão interpretar e defender as aspirações fundamentais do Povo.

BALANÇO CRÍTICO DUMA GRANDE JORNADA DE LUTA

NOTA DA REDACÇÃO — Com os artigos que se seguem, da autoria dos camaradas Ferreira e Joel, inicia-se nas colunas de «O Militante» o balanço crítico da acção do Partido durante e depois da última campanha eleitoral.

O estudo das experiências positivas e negativas do trabalho do Partido nessas grandiosas lutas de carácter nacional, em especial a análise dos nossos erros e defeitos, terá uma enorme importância para a correcção das nossas deficiências e a preparação de novas lutas.

Os artigos dos camaradas Ferreira e Joel dão já uma boa contribuição para esse balanço crítico. Entretanto,

não dão, nem podem dar, necessariamente, o quadro geral dessas deficiências. Este só pode ser dado pelo esforço colectivo de todos os camaradas que viveram essas ricas experiências de luta. Há falhas no trabalho de direcção, formas deficientes de ligação com as massas e da sua mobilização, apreciações políticas erradas a par de úteis experiências que importa aprofundar ainda mais.

A redacção de «O Militante» espera e apela para todos os camaradas para que tragam a estas colunas o resultado das suas experiências, as suas críticas e conclusões dessas importantes jornadas vividas pelo nosso povo.

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS COLHIDAS NAS ÚLTIMAS LUTAS DO PROLETARIADO DO NORTE

Por FERREIRA

As greves e manifestações da classe operária que tiveram lugar no Norte do País durante e após as últimas eleições, marcam um passo muito importante no despertar do proletariado nortenho na luta contra a exploração e pela defesa dos seus direitos políticos. Todas as acções então desenvolvidas representam uma grande vitória do proletariado do norte e do nosso Partido. Estas acções vão desde as grandiosas manifestações de apoio

ao general Humberto Delgado, quando das suas visitas ao Porto, até à sua importante participação nas greves políticas e económicas de protesto contra a burla eleitoral e contra a exploração, devendo ainda salientar-se os choques quase diários com a polícia; a sua comparência em todos os locais onde havia comícios da oposição; a sua participação em inúmeras reuniões de unidade; a heróica participação na contra-manifestação de

repulsa pela visita do Almirante A. Tomás e tantas outras acções por essa altura realizadas que mostram claramente, que o proletariado do Norte está preparado para entrar nas lutas mais duras e difíceis e que certas condições subjectivas para as desencadear estão praticamente criadas.

A prova mais clara da disposição de luta dos trabalhadores nortenhos está na forma como eles se lançaram nas greves de protesto contra a burla eleitoral e por melhores salários. Se se pode considerar que cerca de 10 mil trabalhadores que no Norte entraram em greve não é um número muito elevado tendo em conta que no Norte e centro do país está concentrado a maioria do proletariado português, não se deve também esquecer que vivemos em regime fascista onde os trabalhadores são ferozmente perseguidos aos mais leves sintomas de resistência e revolta contra a exploração. Se se tiver ainda em conta o largo espaço de tempo em que as lutas deste tipo não tiveram lugar, à excepção dos valentes pescadores de Melosinhos que desde 1955 vêm lutando consequentemente em defesa dos seus interesses, e se tivermos ainda em conta as debilidades orgânicas do nosso Partido, então podemos considerar que uma dezena de milhar de trabalhadores em greve foi de facto uma vitória importante e nada fácil de conseguir.

No conjunto das lutas travadas nós colhemos experiências preciosas que devemos ter em conta no futuro, especialmente aquelas que dizem respeito ao papel dos quadros em momentos tão decisivos como aqueles. Ficou demonstrado de maneira que não deixa lugar a dúvidas que através de um número muito limitado de camaradas é possível levar uma grande empresa ou classe à greve, não sendo absolutamente necessário que eles trabalhem nessa empresa ou classe. A greve dos pescadores que foi a mais importante de todo o Norte, deve-se não à acção da organização existente mas à acção dos próprios pescadores e de determinados camaradas que depois de conquistarem a confiança da classe, entraram por ela dentro e justamente a incitaram a entrar na greve, o que aliás correspondia aos desejos da maioria. A audácia destes camaradas que se não delataram perante os perigos, para levar aos pescadores a orientação do Partido merece todo o aplauso e constitui exemplo a seguir.

Outras paralizações importantes efectuadas no sector se devem à acção de camaradas nossos que demonstrando uma perfeita compreensão da linha do Partido e confiança nas massas, foram para a porta das empresas realizar pequenos comícios, incitando os trabalhadores à paralização, tendo por vezes de tomar atitudes de firmeza para impedir que os mais vacilantes rompessem a unidade.

A prova de que a confiança nas massas é decisiva está no que se passou em Vila do Conde, onde numa importante empresa os operários chegaram a paralisar o trabalho até que as forças repressivas os obrigaram a tomá-lo. Quando em certa ocasião os camaradas responsáveis se dirigiram aos trabalhadores desta empresa com a intenção de reunir com cerca de uma dúzia deles, e vêem aparecer-lhe mais de

uma centena para assistir à reunião, os camaradas faltando-lhe momentaneamente a confiança nas massas recuam e não atendem os insistentes pedidos que lhes são dirigidos no sentido de lhes indicarem o caminho a seguir. É claro que da reunião feita nesse dia com a tal dúzia nada resultou de concreto, mas quando mais tarde um destes camaradas rectificando o erro cometido vai até à porta da fábrica incitar os trabalhadores a largarem o trabalho, ele consegue de facto que a paralização se dê.

Da mesma maneira que neste sector podemos assinalar ricos exemplos de decisão, audácia e confiança nas massas, também temos a assinalar casos onde se verificou o contrário. Assim, quando um camarada está num importante centro industrial e ouve as massas falar de greve, forma mesmo um comité de greve, mas marca um encontro para de aí a um mês, não se pode concluir que estivesse muito convencido da possibilidade de as massas se lançarem na luta, como não se pode concluir que este camarada tivesse uma noção exacta do papel dos quadros do Partido (especialmente quando são profissionais) na condução das lutas da classe operária.

Outros exemplos temos ainda a registar, como é o caso daquele camarada que, enquanto os seus companheiros discutem, na hora do almoço, as lutas que então se estão a desenvolver, ele afasta-se para um canto alheando-se do que se passa à sua volta! E como este tantos outros que ao pressentirem que a disposição de luta aumentava nas massas mais delas se afastavam para evitar complicações. Escusado será dizer que nas empresas onde estes camaradas trabalham, não só não houve greves, como o Partido não avançou nem um milímetro, aliás nem outra coisa era de esperar, pois tal como eles não têm a mínima confiança nas massas, também elas não têm a mínima confiança neles.

Além dos erros que resultam das incompreensões sectoriais de alguns camaradas, também é justo assinalar certos erros tácticos cometidos pela direcção do sector, os quais resultaram de certa inexperiência e do deficiente estudo das situações concretas existentes em cada empresa ou classe onde era possível desencadear a luta.

Assim, devemos considerar como mau trabalho o não se ter feito um maior esforço no sentido de encontrar quadros, que estivessem dispostos a ir para a porta das empresas onde a greve estava presa por um fio bem fraco. Viveram-se momentos em que era possível ter-se utilizado mesmo quadros ilegais que estavam dispostos e eram capazes de ter ido à porta das empresas convencer as massas a paralisar. Isto era tanto mais possível por quanto era do nosso conhecimento, que havia empresas com muitas centenas de trabalhadores que só não entravam na greve porque uma meia dúzia de velhos travões a isso se opunham, por exemplo: numa empresa com cerca de mil operários só vinte e cinco se opuseram à greve, entretanto, foram estes que impuseram a sua vontade aos restantes! Noutra empresa de cerca de 400 operários só uma meia dúzia impediu também a greve, e em quantas mais se terão passado casos idênticos?

Sabíamos além disso que nos eléctricos e noutros transportes colectivos os operários falavam abertamente da greve, sabíamos ainda que as operárias têxteis falavam igualmente pelas ruas e dentro das empresas na necessidade de ir para a greve, mas infelizmente faltou-lhes a voz do nosso Partido que sem dúvida as teria decidido a entrar na luta tal como era o seu desejo. Esta falta de audácia e de visão, prejudicou bastante o alastramento da luta.

Por outro lado, deixaram-se criar ideias de lutas em grande escala para as quais as massas não estavam preparadas na maioria das empresas. Teria entretanto sido absolutamente possível conseguirem-se pequenas paralizações que podiam muito bem ser o caminho para outras maiores. Quando em determinadas empresas os operários vacilavam sem saber que caminho tomar e se interrogavam sobre quanto tempo devia durar a greve, falou uma voz que audaciosamente os esclarecesse e encaminhasse para paralizações de curta duração, isso era tanto mais possível porquanto nessa altura os operários se apercebiam que essas pequenas greves não desagradavam inteiramente a alguns patrões que também estavam indignados com as trifulhas eleitorais dos salazaristas. Além destas deficiências que foram as fundamentais, podemos ainda constatar certas deficiências na formação dos comités de greve que nem sempre fomos capazes de tornar tão largos e representativos como se impunha.

O conjunto dos êxitos e insucessos do trabalho do Partido no sector Norte dá-nos sem dúvida um saldo positivo que interessa valorizar, mas o estudo dos erros cometidos também nos arma para lutas futuras que tudo indica não virem muito longe.

Presentemente aos camaradas do Norte e em primeiro lugar à Direcção Regional do Partido, interessa fazer um estudo em profundidade que lhes permita conhecer os problemas dos trabalhadores de cada empresa com vistas a aproveitar a disposição que continua a existir, a qual proporcionará no futuro o desencadeamento de novas grandes lutas de carácter económico e político.

Outra tarefa não menos importante é fazer um trabalho igualmente profundo de ajuda aos quadros que nestas lutas se mostraram incapazes de orientar as massas, assim como é de importância fundamental o trabalho de preparação e esclarecimento junto dos novos quadros que vão surgindo por que apesar da boa vontade de que vêm cheios falta-lhes a experiência de trabalho assim como a verdadeira noção do que é ser membro do Partido.

Estas são algumas das tarefas que se nos afiguram mais urgentes e que têm de merecer uma atenção imediata, pois de contrário nós seremos ultrapassados pelas massas, cujas necessidades não admitem que continuemos a caminhar no ritmo que vínhamos caminhando até à pouco.

PARA NOVAS LUTAS

Por JOEL

No decorrer da última Campanha Eleitoral para a Presidência da República tornou-se visível para todos o papel de vanguarda da classe operária portuguesa na luta política: ela marchou à frente das grandiosas manifestações democráticas em Lisboa e Porto, participou activamente em centenas de reuniões locais e nacionais e votou em massa no candidato da Oposição enfrentando corajosamente as forças repressivas que o governo atirou contra o povo.

Logo após o período eleitoral e apesar da forma brutal como o governo de Salazar reprimiu todas as manifestações populares, a classe operária continuou a dar «provas da sua elevada consciência política e da sua combatividade e mostrou, mais uma vez, na prática que se encontra na vanguarda da luta anti-salazarista indo à greve com palavras de ordem claras e precisas que expressam o sentimento nacional de revolta e indignação contra a falsificação e a burla eleitoral» (Informe da Comissão Política ao Comité Central apresentado pelo camarada Gomes).

E, expressando ainda este mesmo sentimento, ela foi a grande animadora das jornadas de luto e boicote dos jornais, divertimentos e transportes que se verificaram em todo o País como protesto contra aquela burla.

Juntamente com o proletariado da cidade e do campo participaram em todas estas acções políticas e das mais variadas formas, os intelectuais progressivos, os estudantes, camponeses pequenos e médios, muitos

elementos da pequena e média burguesia e doutros sectores sociais desejosos, eles também de libertar a nossa Pátria da odiosa governação fascista.

Foi tudo isto que tornou possível a formação, no decurso da própria campanha, e a criação dum bloco eleitoral de toda a Oposição, o que permitiu vibrar um sério golpe no regime. Por outro lado, a participação activa das massas trabalhadoras na luta política foi e é a garantia de que esta se desenvolve no caminho mais de acordo com os interesses de todo o povo.

A onda repressiva que desabou sobre a classe operária e restantes democratas, as prisões, os assassinatos, os «lock-out», as ameaças aos próprios patrões, a burla eleitoral, são sinais nítidos da fraqueza do regime, do seu receio de que as greves alastrassem ainda mais, receio este que o levou a entrar no caminho da hostilização de forças que ainda ontem eram um dos seus esteios, como foi o caso das ameaças a alguns sectores do patronato.

Porque sucedeu isto ?

Ora, se se pode falar hoje dum aumento da consciência política da classe operária, das massas trabalhadoras no nosso País, isto não sucede por acaso.

Além das razões históricas que determinam que a classe operária se encontre nas primeiras filas do campo anti-salazarista, já que se trate da classe mais interessada na instauração dum regime democrático no nosso País e que é da classe ascendente dos nossos

tempos, há outros factores que, quanto a nós, estão na base desta consciencialização.

Em primeiro lugar, a classe operária tem o seu Partido, o Partido Comunista, força política independente e organizada, a única que, como partido, se tem mantido e desenvolvido durante estes 30 anos de ditadura salazarista e apesar do terror que contra ela tem sido desencadeado.

Em segundo lugar, a existência desta força política organizada permitiu que a classe operária, as massas trabalhadoras tenham vindo a travar constantemente grandes e pequenas lutas pela satisfação das suas reivindicações no decorrer das quais a sua unidade de vontade e de acção se tem vindo a formar. As centenas de pequenas e grandes lutas reivindicativas desencadeadas nestes últimos anos contra a política anti-popular do governo, por uma vida melhor, lutas em que os comunistas desempenharam um papel dinamizador, tinham que surtir o seu efeito.

Em terceiro lugar, no decurso destas lutas e através das poderosas armas da crítica e da auto-crítica dos erros cometidos, o Partido Comunista, criado nos princípios do marxismo-leninismo tem vindo a forjar a sua tempera de partido revolucionário. Aprendendo com os erros que não receia revelar nem esconde (ao contrário do que sucede com os partidos burgueses) ajustando a sua linha política às realidades nacionais e internacionais sempre que estas se modificam, o Partido tem-se transformado numa verdadeira força política nacional cuja voz o povo escuta e segue com confiança, pois sabe e sente que a orientação do Partido, serve os interesses de toda a Nação.

Assim, podemos dizer que foi em consequência dum melhor ajustamento da sua linha política, logo após a VI Reunião Ampliada de 1955, mais claramente definida no V Congresso e nas reuniões que se lhe seguiram do Comité Central, que o Partido armou politicamente a classe operária e todo o povo com uma nova orientação *«que foi uma viragem na linha política do Partido e teve o melhor acolhimento das massas e dos democratas»* (Informe citado).

Combate firme ao sectarismo que, até certo ponto, isolara o Partido das massas, análise correcta das forças políticas em jogo no nosso País, reforçamento da ligação com as massas trabalhadoras e aproximação efectiva dos aliados do proletariado nesta fase da luta política — eis os pontos fundamentais em que assentava tal orientação.

Assim foi possível uma tão grande e ampla mobilização de todo o povo para a luta anti-salazarista nas últimas jornadas políticas em todo o País.

Assim surgiram mais claramente definidas as perspectivas para a solução pacífica do problema político português.

Sobre a solução pacífica

No «O Militante» n.º 97 o camarada João analisou com justeza vários aspectos deste problema.

Porém, nunca é demais repetir que solução pacífica não quer dizer negociação ou entrega do poder de mão beijada. Não. Solução pacífica implica luta e ela poderá continuar a ser pacífica mesmo que nessa luta se dêem choques entre o povo e as forças salazaristas.

Outra ideia que o artigo deixa bem claro é que já

havia sido expressa pelo Partido é a de que este não descarte a outra solução — a solução violenta — se o governo teimar em responder com a força às reclamações populares.

Mas, sublinha-se, tal solução *«sòmente poderia resultar do profundo convencimento das massas de que as possibilidades da solução pacífica estavam esgotadas e de que não haveria outro recurso senão a solução violenta para liquidar a longa cadeia de sofrimentos que o salazarismo fez pesar sobre o povo português»*.

Ora não era esta a situação quando surgiu nalguns organismos partidários particularmente em Lisboa, durante e imediatamente após o período eleitoral, a ideia de que *«isto só vai à pancada»*, *«sem o exército nada é possível»*, etc. Alguns camaradas faziam tal afirmação numa altura em que ainda se estava longe de ter feito tudo o que era possível para mobilizar as massas para as várias formas de luta e protesto e com essas ideias escondiam na realidade a sua incapacidade para aplicar na prática a linha do Partido com que tinham estado de acordo.

No momento então em curso tal orientação devia traduzir-se na prática através do esforço de todos os militantes para mobilizar as amplas camadas da população para a campanha eleitoral, para a votação no candidato da Oposição, para a fiscalização destas eleições e finalmente para as acções de protesto contra a burla eleitoral.

Não fazendo isto e remetendo para as forças armadas a solução dum problema em que todo o povo, inclusive as forças armadas deve participar, tais camaradas esqueciam que só a luta popular levará os sectores descontentes das forças armadas, a oficialidade patriótica, a tomar as posições do povo. Por outro lado, reflectiam, em certa medida, ideias terroristas e putchistas que alguns democratas menos esclarecidos agitavam no seio da Oposição, ideias que desarmavam as massas para as lutas em curso e que nada tinham a ver com a linha de massas do Partido.

Quanto a nós pensamos que não é a participação das forças armadas que imprime o carácter violento a uma revolução popular. Os casos do Iraque, Venezuela e Colômbia são disto um exemplo. A nossa Revolução de 5 de Outubro é outro. Tanto num caso como noutro o exército participou, apoiando e defendendo as reivindicações do povo em luta e nem por isso tais soluções deixaram de ser consideradas pacíficas.

O Partido afirma que existe a possibilidade duma solução pacífica e tudo tem feito e fará para que seja esta a via de solução do nosso problema político porque ela corresponde aos mais profundos desejos do nosso povo.

Aprendamos com os erros

De posse duma orientação justa podemos dizer que o Partido actuou como um todo à escala nacional? Sim, podemos afirmá-lo, já que de Norte a Sul do País o povo, seguindo as palavras de ordem de unidade, se manifestou a favor da democracia, votou no candidato da Oposição e protestou de várias formas contra a burla eleitoral.

A verdade porém é que, a despeito de tudo isto, houve no nosso trabalho pontos fracos que é preciso

não esconder e deficiências que interessa analisar.

Assim muito mal andaríamos se atribuíssimos à falta de consciência política da classe operária de Lisboa a ausência de greves de protesto contra a burla eleitoral — este um ponto fraco do nosso trabalho. Aquela consciência já ela a demonstrara quando das manifestações de centenas de milhares de pessoas em Maio, nas reuniões de propaganda efectuadas a despeito duma feroz repressão, e na sua corajosa e heróica resistência a esta onda de terror.

É certo que o governo agiu em Lisboa onde se encontrava a cabeça do movimento anti-salazarista de forma a desbaratar este prendendo os dirigentes trabalhadores e outros deste movimento, reprimindo brutalmente as manifestações populares com o fim de travar o movimento. Tudo isto repercutiu numa forma especial sobre os trabalhadores de Lisboa.

Tal facto, porém, não explica nem justifica a ausência de greves de protesto contra a burla eleitoral neste importante centro de concentração operária, quando os trabalhadores da Margem Sul, Alentejo, Ribatejo e Norte se tinham já lançado na greve.

É uma verdade que o Partido vinha estreitando os seus laços com as massas. Em Lisboa, a despeito dos esforços feitos no sentido de os reforçar e a despeito dos progressos alcançados neste sentido, tais laços não eram suficientemente fortes para, face à situação que a repressão e a burla criaram, a classe operária e as restantes classes trabalhadoras vencerem o refluxo provocado no movimento e lançarem-se em novas jornadas de protesto sob a forma de greves.

Por outro lado ideias erradas e no fundo derrotistas de que *«isto só vai à pancada»*, *«isto só vai com o exército, sem ele nada mais vale a pena fazer»* que nasceram e cresceram nalguns organismos do Partido contribuíram para dificultar a luta, impedindo que alguns militantes se virassem para as massas e as dirigissem no justo caminho.

Tudo isto foi, quanto a nós, em última análise, fruto duma deficiente discussão e assimilação de orientação do Partido nos organismos partidários, por um lado; por outro, fruto da falta da aplicação do centralismo democrático e da disciplina partidária, que devem estar sempre presentes no nosso trabalho e que implicam o cumprimento por cada militante da orientação definida pelo Partido.

Desarmados política e ideologicamente tais organismos tornaram-se permeáveis as ideias mais estranhas e prejudiciais à luta, perderam a iniciativa e a audácia, desligaram-se das massas e perderam a confiança nelas. A prova-lo está o facto de que na altura em que levantavam obstáculos ao desencadeamento de greves de protesto, tais camaradas reconheciam, por outro lado, que a disposição das massas era de ir para a greve. Como se vê não se tratava de se ter decretado a greve nos organismos superiores ou de se ter resolvido nestes no abstracto que se devia ir para a greve, mas sim de ir ao encontro das massas, animá-las e dirigí-las nesse caminho, já que a sua disposição era essa, conforme tais camaradas e outros informavam.

É fácil de concluir que em consequência de tudo isto não se abriram perspectivas para a continuação da luta para além do período eleitoral, não se armou a classe operária e o povo para essa luta, sob a forma de gre-

ves, de protesto de carácter político.

É justo porém sublinhar que o povo de Lisboa participou numa forma activa na jornada de protesto nacional sob a forma de luto e boicote, seguindo as palavras de ordem do Partido e doutras forças democráticas.

Mais um passo em frente

Alguns camaradas, passado o fogo da luta política que se viveu de Maio a Julho, ao verificarem que o movimento anti-salazarista, ainda não teve força para provocar a queda do governo, caíram no pessimismo afirmando que agora não valia a pena qualquer luta de carácter económico e que havia que esperar talvez nova oportunidade — talvez nova campanha eleitoral! — para então se passar a acção.

Esta é uma visão errada e seriamente prejudicial para toda a luta popular anti-salazarista.

Já vimos no início deste artigo que a mobilização anterior das massas trabalhadoras para a luta pelas suas reivindicações foi um dos factores que possibilitou a mobilização em tão larga escala no período eleitoral.

Querer agora cair na apatia, quando o descontentamento popular é cada vez maior é não ter presente os esforços de toda a espécie e a todo o custo que o governo faz para se manter na abalada posição em que ficou depois das últimas eleições e das greves que se lhe seguiram. Além disto esses camaradas esquecem que, sob a governação salazarista, qualquer luta de carácter económico assume sempre ou quase sempre um carácter político, não só porque o governo não hesita em atirar as suas forças contra os trabalhadores em luta como também porque a situação que os obriga a entrar no caminho da luta é consequência da política anti-popular do governo.

Os operários, os camponeses, os empregados, os funcionários públicos e corporativos, as donas de casa, os jovens (que se debatem com mil dificuldades para estudar e fundar o seu lar), não estão todos profundamente descontentes com a vida arrastada que continuam a levar, com as dificuldades sem conta que têm que resolver, com os magros ganhos que recebem?

Dar forma organizada de protesto, a este descontentamento, procurar tornar claras para quem ainda o não esteja as causas deste estado de coisas que residem, em última análise, na política anti-popular do governo — é, segundo nós, um dos passos imediatos que tem que se dar para melhorar tal situação e para consciencializar as massas populares descontentes ante o aumento constante do custo de vida, os baixos salários e ordenados e o desemprego crescente.

As Comissões de Unidade por empresa, secção, profissão, local, região, repartição, escritório, etc. agrupando as pessoas descontentes, sejam quais forem as suas crenças ou ideias políticas mas que estejam dispostas a lutar por uma vida melhor, por melhores ganhos, é a forma provada de organização das massas trabalhadoras.

Os Sindicatos, as Casas do Povo e dos Pescadores, as Ordens têm sido e devem continuar a ser utilizadas em maior escala pelos trabalhadores para aí discutirem seus problemas e levarem as direcções a apoiar a sua justa luta.

A luta que a classe corticeira vem travando por estes objectivos concentrando-se às centenas nos Sindicatos, indo em ampla Comissão de Unidade (85) à Assembleia Nacional apresentar as suas reivindicações é um exemplo que devemos ter presente de como é possível o prosseguimento e desenvolvimento da luta reivindicativa. Que ela é necessária, que só pela luta o governo atenderá as reclamações dos trabalhadores, prova-o aumento ao funcionalismo, a «revisão» de alguns contratos colectivos (ainda que sempre pretendendo enganar os trabalhadores com uma espécie de revisão que não é a que estes desejam), tudo isto afinal, ainda que bem pouco, fruto da luta recente travada por todo o povo.

E não tenhamos dúvida de que a classe operária, as massas trabalhadoras que ainda recentemente se lançaram em greves políticas, não hesitarão em recorrer de novo à greve se as suas reivindicações não forem atendidas pelos processos legais.

Devemos ter isto presente no nosso trabalho, assim como não devemos esquecer que o desejo de melhores salários e vencimentos é a aspiração comum ao povo trabalhador. Só assim poderemos compreender em toda a extensão as amplas perspectivas que para a luta

libertadora do nosso povo assume neste momento a luta por um aumento geral de salários e ordenados, luta através da qual a classe operária, as massas trabalhadores, todo o povo, reforçarão a sua unidade.

E sem esta unidade não se pode pensar sequer em conquistar a democracia e a liberdade.

O movimento anti-salazarista encontra-se numa fase ascendente como o provaram as jornadas políticas da última campanha eleitoral e as que se lhe seguiram posteriormente nomeadamente a de 5 de Outubro, em que as massas trabalhadoras revelaram a sua disposição de continuar a luta contra o governo salazarista.

Esta a melhor garantia de que, fortalecendo a sua unidade no terreno da luta política e económica o povo, as massas trabalhadores conseguirão vibrar novos golpes no regime.

E será, repetimos, no entrelaçamento das lutas reivindicativas e políticas mais variadas sob formas mais variadas, desde a concentração às paralizações, das paralizações às greves parciais, das greves parciais às greves económicas e políticas gerais, que a unidade das massas populares se fortalecerá e se criarão as condições para a solução pacífica do problema político português.

ALARGAR A LUTA DOS INTELECTUAIS

Por PEDRO

A pesar dos esforços desesperados do salazarismo para captar e simpatia e a adesão da intelectualidade portuguesa, a verdade é que cada vez mais os intelectuais estão contra o regime. Os efeitos de uma política de despersonalização e obscurantismo que se processou em 32 anos, isolou irremediavelmente a oligarquia dirigente do resto da nação. Hoje os nossos melhores escritores, cientistas e artistas reconhecem com provas plenas toda a extensão do crime perpetrado pela odiosa ditadura.

A tão apregoada paz e ordem salazarista castrou aquilo que mais fundo revela a vida de um povo, a sua cultura. Acompanhando o depauperamento económico da nação a liberdade foi amordaçada e os mais sagrados direitos do homem foram espezinhados. O controle de todas as manifestações culturais, artísticas e científicas pela censura e pela polícia política, fizeram definhir e morrer milhares de iniciativas e mutilaram para sempre obras que seriam o orgulho do nosso povo.

Mas ainda o que mais fundo o Estado Novo desenvolveu, foi a política de desintegração do indivíduo, o seu emolecimento, o seu fatalismo sem esperança, o deixar andar, enfim, a falta de espírito crítico que leva irremediavelmente à falta de dignidade por si próprio, à corrupção. O que neste campo se passa é a acusação mais tremenda à política salazarista. — Que o digam os médicos, os engenheiros, os advogados, os artistas, os cientistas, os professores, os comerciantes, os empregados, etc., etc., com o que observam de corrupção moral e falta de dignidade profissional nos seus próprios meios! — Mais do que nunca, a vida no nosso país, desceu à fase mais primária do

«salve-se quem puder». Este clima de desenvolvimento exacerbado do individualismo tem enfraquecido os esforços dos que mais denodadamente têm procurado resolver os grandes problemas nacionais. E porque sabe que isso se passa assim, o salazarismo tem evitado por todos os meios o aparecimento de movimentos colectivos ou, quando não os pode evitar, tem procurado domesticá-los para mais facilmente os dominar. Os processos vão da demagogia ao emprego puro e simples da força. Os dois processos são empregados de acordo com o campo a que se destinam. Perante as classes trabalhadoras depressa se caminha das promessas para as prisões em massa. A luta de classes é mais viva, o antagonismo mais marcado e as oligarquias financeiras sabem que lá encontra o seu pior inimigo. Onde o salazarismo vê que pode ainda reaver simpatias ou captar adesões, então a orientação é marcadamente demagógica. Aumento de ordenados ao funcionalismo, reorganização da assistência e saúde públicas, protecção à lavoura, desenvolvimento da investigação científica, liberalização da censura, protecção às artes e letras, etc., são as promessas que demagógicamente faz.

Mas este quadro de promessas não consegue fazer esquecer a realidade do baixo nível de vida dos trabalhadores, a decomposição da classe média, a ruína dos pequenos e médios industriais e agricultores, a crise material e moral das profissões liberais, as limitações da vida intelectual, artística e científica, que nos colocam na cauda dos países civilizados.

Qual é a posição dos nossos intelectuais perante esta situação? Como já se disse, honrosamente enfileiram-se contra o regime de decadência e obscurantis-

mo que é o Estado Novo. Mas esta posição digna estará a ser aproveitada da melhor forma? Quanto a nós ainda não. A sua qualidade de intelectuais progressivos e patriotas impõe-lhes tomadas de atitude que só conseguirão resultados vivos se todos se compenetrarem da necessidade inevitável da unidade em torno dos problemas comuns e frente ao inimigo de todos que é o salazarismo.

A questão é fundamental. Tal como a classe operária deu exemplos de combatividade e unidade na última campanha eleitoral, também os intelectuais os podem dar. Bem sabemos que dada a sua origem de classe e as suas vacilações, a tarefa se torna mais difícil mas no entanto possível.

Por onde começar? Por esta coisa primária e simples: — Defesa dos seus interesses materiais e morais, defesa da sua dignidade profissional e humana. Hoje, a luta em volta desta bandeira tem já um alto significado político. Onde houver um homem honesto, há um combatente anti-salazarista em potência. Está a viver-se um ambiente propício ao desenvolvimento de grandes acções reivindicativas e políticas.

O movimento dos médicos em todo o país, é um exemplo. Movimento criado em torno da situação dos médicos novos, depressa empolgou toda a classe e hoje assistimos a tomadas de posição de elementos responsáveis com afirmações públicas acerca da situação da medicina, médicos e enfermeiros, que encerram uma condenação formal à política do governo neste campo.

A criação da Associação de Escritores é outro exemplo. Pondo de lado ideologias, crenças ou «conceitos literários» diferentes, o que serviu de alavanca para a unidade e vitória, foi a defesa dos interesses comuns. Embora com deficiências, e limitações, lá se discutem problemas, se tomam decisões, com carácter colectivo, que sem dúvida contribuem muito mais para a resolução dos seus interesses do que as vozes individuais que até então se levantavam.

Em todos os campos a situação é tão anormal que, com um estudo sério dos problemas e um bocado de audácia, se podem criar movimentos colectivos difíceis de sustentar. É necessário que este tipo de trabalho se desenvolva. É na prática colectiva que se aprende a fazer unidade e é lá que se criam condições para um mais amplo contacto e necessariamente para um melhor entendimento entre os homens.

Em muitos outros sectores intelectuais existem condições de lutas. É flagrante o desamparo em que têm vivido os nossos artistas plásticos. Esta constatação reflete-se na própria frequência da Escola de Belas Artes. Em Lisboa, neste ano lectivo, inscreveram-se somente 11 alunos nos cursos de Pintura e Escultura. Não será motivo para os nossos artistas estudarem a fundo o problema e acima de divergências, de «conceitos de arte», tentarem resolvê-lo em conjunto? Algumas questões em suspenso e de há muito sentidas por todos como a efectivação da reforma das Escolas de Belas Artes, a criação de ateliers a baixo preço, a concessão de trabalhos por concurso e não «por escolha», a concessão de bolsas de estudo, a obrigatoriedade de decoração para as obras de arquitectura de custo superior a 2.000 contos, etc., etc., podem servir como elementos de unidade.

A crise por que passam o nosso teatro e cinema não será também um campo aberto para acções de unidade com o fim de resolvê-la? A abolição da censura, a criação de novos teatros, o barateamento de bilhetes tornando acessível a cultura teatral às grandes massas, a protecção aos grupos de amadores, etc., etc., são polos de atracção em volta dos quais os artistas se podem unir. A reforma do Conservatório, cuja frequência só por si é um índice de crise (de 1.191 alunos internos e 1.028 externos em 1929-30, baixou para 299 internos e 330 externos em 1957) estará com certeza também no espírito de todos os que pretendem modificar a actual situação do teatro.

Os exemplos são vastos e as perspectivas de trabalho abrem-se diante de nós. Mas para que essas possibilidades se tornem realidade, é necessário que os intelectuais e artistas comunistas deem o exemplo de trabalho, persistência e também compreensão perante todos os outros intelectuais e artistas. Aos nossos camaradas cabe a tarefa de organizar e dinamizar as lutas dentro das suas organizações de classe, ou através de outros meios onde não existam essas organizações.

O salazarismo desagrega-se. Em todos os campos todos os verdadeiros patriotas o devem combater. A classe operária e ao seu Partido, cabe a tarefa histórica de conduzir essa luta. E os intelectuais membros do Partido, guiando-se pelas posições ideológicas e políticas da classe operária, podem dar uma contribuição inestimável para a libertação do nosso povo.

DISCIPLINA DO PARTIDO

O Comité Central decidiu expulsar das fileiras do Partido, por traição ante o inimigo, os seguintes indivíduos: José Marinho, ex-operário da CUF do Barreiro, conhecido pelo pseudónimo de «Lucas», Joaquim Malaquias Pinel, ex-operário corticeiro, de Santiago do Cacém, actualmente em Alhos Vedros, conhecido pelo pseudónimo de «Vasco», e José Gomes, operário da construção civil, de Mértola, conhecido pelo pseudónimo de «Sebastião», todos ex-funcionários do Partido.

O primeiro entregou à polícia salazarista 6 instala-

ções ilegais do Partido, onde foram presos 11 dos seus ocupantes, três dos quais membros do Comité Central. O segundo, denunciou as organizações e camaradas que conhecia e possibilitou à polícia fascista o assalto a duas casas ilegais. O terceiro denunciou as organizações e camaradas que conhecia.

O Comité Central ao expulsar das fileiras do Partido estes 3 traidores, denuncia especialmente os dois primeiros como verdadeiros inimigos da classe operária e do povo.



RESUMO DO DISCURSO DE CHU EN-LAI NO XXI CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA

A convocação do XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética — disse Chu En-lai — é um grande acontecimento na vida política actual. Como assinalou Nikita Khrushchov, no seu Informe ao Congresso, a União Soviética entrou agora no período histórico mais importante: o da edificação ampla da sociedade comunista. O plano septenal, parte integrante do grande programa de edificação do comunismo na URSS, é um traço característico desse período.

Neste período a URSS colocará as bases sólidas materiais e espirituais para a transição ao comunismo. Desde a Grande Revolução Socialista de Outubro, a União Soviética tem marchado à cabeça e, com o luminoso exemplo da sua edificação socialista e comunista, tem inspirado o proletariado e a classe operária de todo o mundo, que vê na União Soviética de hoje o seu próprio amanhã.

A União Soviética tem prestado constantemente considerável apoio e ajuda aos restantes países socialistas, ao proletariado internacional e aos países e povos amantes da paz no mundo. A política externa da URSS, dedicada a salvaguardar a paz mundial, a manter a igualdade entre as nações e a opor-se à agressão imperialista, continua inspirando e robustecendo a luta pela paz, pela independência nacional e pelo progresso humano em todo o mundo. Os interesses da União Soviética coincidem com os interesses de toda a humanidade. Os corações do proletariado mundial e de toda a humanidade estão voltados para a União Soviética. A união inquebrantável dos comunistas de todos os países — apontou o camarada Chu En-lai — é a garantia fundamental da vitória da causa comum do proletariado de todos os países.

Como resultado da reunião de Moscovo dos representantes dos partidos comunistas e operários de vários países, celebrada em 1957, a nossa unidade consolidou-se e desenvolveu-se ainda mais. Com a ajuda da luz irradiada das declarações publicadas pela reunião de Moscovo, os partidos comunistas e operários conseguiram numerosos êxitos no seu trabalho e nas suas lutas. As nossas fileiras comunistas internacionais, unidas como uma só, travaram uma luta contra o revisionismo moderno, tendo conseguido importantes vitórias. E, ainda que os imperialistas e os revisionistas modernos não cessem jamais as suas intrigas para socavar a unidade do movimento comunista internacional, essas intrigas não farão mais do que robustecer a nossa unidade e fazê-los sofrer derrotas ainda mais desastrosas.

Os nossos países socialistas marcham por um caminho comum, quer dizer, pelo caminho da Revolução de Outubro. O caminho indicado pelas leis gerais

que regem a revolução socialista e a edificação socialista, como foi exposto nas declarações da reunião de Moscovo. E, ao longo deste amplo caminho, o povo chinês, dirigido pelo Partido Comunista e pelo camarada Mao Tsé-Tung, avança ombro com ombro com os povos dos países irmãos.

No último ano verificou-se na China um grande salto na indústria e na agricultura e um movimento ascendente para a organização das comunas populares. O salto na indústria e na agricultura trouxe consigo o desenvolvimento da campanha pelas comunas populares, e este, por seu turno, deu um novo impulso para um salto maior na indústria e na agricultura.

O camarada Chu En-lai assinala que o VI Pleno do Comité Central do Partido Comunista da China fez uma elevada apreciação das comunas populares, considerando-as como a melhor forma para o desenvolvimento nas condições da China, a melhor forma para que as zonas rurais da China realizem a transição da propriedade colectiva para a propriedade de todo o povo e a melhor forma para que a China realize a transição do socialismo ao comunismo no futuro. Agora temos mais confiança em que podemos acelerar o desenvolvimento da edificação socialista, podemos transformar a China num país socialista apetrechado com uma indústria, com uma agricultura, com uma ciência e uma cultura altamente desenvolvidas num prazo de 15 a 20 anos, ou talvez um pouco mais.

Actualmente assistimos à emulação pacífica entre o socialismo e o capitalismo à escala mundial. O campo socialista cada vez se torna mais próspero, enquanto o campo imperialista se encaminha para a derrocada. Isso ajuda as pessoas a compreender mais claramente que o sistema socialista, cheio de vigor e de vitalidade, é incomparavelmente superior ao decadente sistema capitalista. O campo socialista conseguiu uma superioridade absoluta sobre o campo imperialista quanto ao apoio popular, à protecção à população e ao ritmo de aumento da produção. Nos ramos mais importantes da ciência e da tecnologia, por exemplo no aperfeiçoamento dos foguetões, a União Soviética já ultrapassou em muito os Estados Unidos. O grande plano da URSS para a edificação do comunismo mostra que a competição entre o socialismo e o capitalismo entrou numa nova fase. Quando este plano septenal tiver sido cumprido, a União Soviética terá ultrapassado a Inglaterra e a Alemanha Ocidental na produção por habitante, e, cinco anos depois, terá deixado para trás os Estados Unidos na produção por habitante. Durante este período a China e os outros países socialistas também

sê desenvolverão bastante. E então o campo socialista terá alcançado a superioridade absoluta sobre o campo imperialista na produção de bens materiais.

Podemos afirmar com plena confiança que não vem longe o dia em que o socialismo alcance a vitória decisiva na emulação pacífica com o capitalismo.

O camarada Chu En-Lai disse que os últimos acontecimentos internacionais provam que o inimigo se decompõe em cada dia que passa, enquanto para nós as coisas se tornam cada vez melhores. O campo socialista consolida-se cada vez mais firmemente e torna-se mais forte. Os movimentos de libertação nacional da Ásia, África e América Latina, apoiados pelo campo socialista, continuam os seus avanços vigorosos. A luta dos povos nos países capitalistas pela democracia e pelo progresso social também realizou novos progressos. Assistimos a uma nova desintegração da estrutura colonial do imperialismo e uma grave crise económica sacode o mundo capitalista. O imperialismo está minado por conflitos internos. A chamada «unidade» que ligaria Dulles & C.^a cada vez se desmorona mais. Os imperialistas vivem tempos tenebrosos. Os seus dias estão contados. E, se os imperialistas e todos os reaccionários continuam desenfreados durante algum tempo, isso não representa mais do que a sua agonia no leito de morte, e só servirá para fazer despertar os povos, para que se unam, para que se dissipem as suas ilusões, e para que compreendam pelo caminho da luta e da revolução.

Os imperialistas e todos os reaccionários não poderão escapar à sua sorte.

Nos últimos anos — continuou dizendo Chu En-Lai — a luta dos povos de todo o mundo para salvaguardar a paz e de oposição à guerra ampliou-se em extensão. Devido à existência do campo socialista, os desígnios de guerra dos imperialistas podem ser desbaratados sempre que os países e povos amantes da paz prossigam as suas lutas. Naturalmente, não devemos subestimar o facto de que os manfacos de guerra imperialistas assentam as suas esperanças na guerra. Não devemos, de modo algum, diminuir a nossa vigilância nesse sentido. E, como disse o camarada Mao Tsé-Tung e o camarada Khrushchov no comunicado que assinaram em Agosto de 1958, caso os manfacos de guerra consigam impor a guerra aos povos do mundo, todos os países e povos amantes da paz e da liberdade se unirão para varrer os agressores imperialistas e estabelecer assim uma paz mundial duradoura.

A URSS e a China são países socialistas irmãos. O marxismo-leninismo une os dois países e os outros países socialistas estreitamente. Os povos dos nossos dois países são dois companheiros de armas. Os nossos interesses são idênticos, e a estreita amizade destes dois povos nunca será quebrada. Os imperialistas, encabeçados pelos Estados Unidos e os revisionistas modernos jugoslavos, não têm escrúpulos de pôr em acção todos os meios mais abjectos para tentarem semear a discórdia e socavar a unidade entre a China e a União Soviética. Porém as suas intenções não conseguirão mais do que desesperá-los. Os nossos dois países, a China e a União Soviética, assim como

todos os outros países do nosso campo socialista, manter-se-ão eternamente unidos e continuarão avançando valentemente no caminho do comunismo.

Seguidamente o camarada Chu En-Lai fez a leitura duma mensagem de saudação ao Congresso enviado pelo Comité Central do Partido Comunista da China e assinado pelo seu presidente, o camarada Mao Tsé-Tung:

«O Comité Central do Partido Comunista da China, em nome de todo o povo chinês e dos militantes do Partido Comunista, envia as suas cordiais e fraternais felicitações ao XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética, rendendo a mais sincera e cordial homenagem ao grande P.C.U.S. e ao povo soviético.

«Desde a realização do XX Congresso do Partido Comunista da URSS, o povo soviético, sob a acertada direcção do Comité Central do Partido Comunista, encabeçado pelo camarada Nikita Krushchov, conseguiu uma série de grandes êxitos na edificação do comunismo e, irmanado com os países e povos amantes da paz de todo o mundo, tem grandemente contribuído para a luta comum de salvaguardar a paz e evitar a guerra. O recente lançamento triunfal do foguetão cósmico soviético demonstrou uma vez mais que a ciência e a tecnologia soviéticas se elevaram a posições gloriosas.

«Agora o Partido Comunista da URSS, de acordo com o seu grande programa de edificação do comunismo, apresenta o seu plano de 1959-1965 para o desenvolvimento da economia nacional. O cumprimento desse plano lançará as bases materiais e espirituais para a transição ao comunismo na União Soviética e enriquecerá o marxismo-leninismo com valiosas experiências acumuladas na edificação do comunismo. Mais: A balança das forças do mundo continuará a inclinar-se para uma vantagem cada vez maior a favor da paz mundial e do progresso humano.

«O grande plano septenal demonstra a imensa superioridade do socialismo sobre o capitalismo, e que o socialismo, sem dúvida alguma, ultrapassará o capitalismo na emulação pacífica.

«O povo soviético, dirigido pelo seu Partido Comunista, foi sempre um exemplo luminoso para o proletariado de todos os países e para toda a humanidade progressista. Estamos seguros de que, inspirado pelo XXI Congresso do Partido Comunista da URSS, o proletariado de todos os países e toda a humanidade progressista lutará pela grande causa da paz mundial e do progresso humano com uma confiança enormemente superior.

«Desde a realização das reuniões de Moscovo dos representantes dos partidos comunistas e operários de vários países no ano de 1957, tanto a unidade do campo socialista, encabeçado pela União Soviética, como a unidade do movimento comunista internacional, com o Partido Comunista Soviético no centro, se fortaleceram consideravelmente na defesa e desenvolvimento do marxismo-leninismo, no apoio e auxílio mútuo em cada uma das lutas e em aprender-mos uns com os outros, no intercâmbio de experiências. Conseguiram-se êxitos consideráveis em todos os países socialistas e nos partidos comunistas dos diversos países, tanto no seu trabalho como nas suas lutas. E,



apesar dos imperialistas e revisionistas modernos continuarem jogando por debaixo de cordas para socavar a unidade internacional do proletariado, esse jogo, tal como anteriormente, fracassará.

«Na actualidade o imperialismo está sofrendo sérios golpes pela crise económica e conflitos sociais. O sistema colonial desintegra-se cada vez mais, e no seu seio aumenta a tendência para a decomposição.

«O socialismo e os movimentos de independência nacional, e a luta na defesa da paz mundial apoiada pelo socialismo, fundiram-se para se converter numa torrente irresistível. A luta agonizante dos imperialistas e de todos os outros reaccionários não os salvarão da sua extinção final.

«O povo chinês, dirigido pelo Partido Comunista da China, está trabalhando com entusiasmo, tendo-se colocado tarefas elevadas, elaborando resultados maio-

res, melhores e mais económicos na edificação do socialismo. No último ano conseguiram triunfos sem precedentes na edificação económica e cultural da China, triunfos que continuaram a robustecer a confiança do povo chinês no rápido desenvolvimento da edificação socialista. O povo chinês tem obtido constante ajuda e apoio fraterno da União Soviética na sua luta pela reconstrução e defesa do país.

«Em nome do povo chinês, expressamos o nosso cordial agradecimento ao povo, ao governo e ao Partido Comunista da União Soviética. Desejamos ao XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética toda a espécie de êxitos. Que novas e grandes vitórias coroem os esforços do Partido Comunista da União Soviética, que conduz o povo soviético na luta pela edificação do comunismo e pela defesa da paz mundial».

SOBRE A ORGANIZAÇÃO AO V CONGRESSO

Quais são as deficiências principais do nosso trabalho de organização entre o proletariado industrial do nosso País?

A primeira é a deficiente vida política das nossas células de empresa, a sua fraca ligação com a massa operária.

As nossas células de empresa devem reflectir a vida e os problemas diários dos trabalhadores das fábricas, dos portos, das minas, dos transportes, etc. e serem os verdadeiros centros impulsionadores da luta da classe operária pelas suas reivindicações económicas e políticas imediatas.

Para isso é essencial que toda a sua actividade esteja vinculada às massas laboriosas nos próprios locais de trabalho, nos sindicatos, nas diversas colectividades, em toda a parte onde se concentram, vivem e lutam os trabalhadores.

Contudo, a ligação estreita com a classe operária não pode ser realizada sem o desenraizamento de todo o espírito sectário, de todas as formas rotineiras de trabalho que impedem uma estreita ligação à grande massa dos trabalhadores.

É necessário quebrar a carapaça do sectarismo e virar todo o trabalho dos nossos quadros operários para a solução dos problemas vivos da sua classe, para a luta pelo aumento de salários e contra o desemprego, contra a «*produtividade*» e todas as formas de exploração patronal, pelas liberdades sindicais e pela Amnistia, pela Democracia e pela Paz.

É evidente que a organização e a mobilização dos trabalhadores para as mais variadas formas de luta exigem, antes de mais nada, a modificação radical dos nossos métodos de trabalho de maneira a fazer do trabalho de massas o ponto convergente de toda a nossa actividade.

Isto significa que as discussões devem ser orientadas pelos camaradas controleiros e pelos organismos dirigentes de acordo com esta exigência fundamental.

Reunir e discutir, mas para organizar e movimentar as massas laboriosas — tal deve ser o lema de trabalho das nossas células de empresa e dos organismos dirigentes.

A segunda deficiência é a estreiteza da nossa organização em algumas fortes concentrações proletárias do País.

Em classes numerosas como, por exemplo, as dos operários textéis, conserveiros, portuários, da construção civil e outras, a organização do Partido é muito reduzida e mesmo em classes tão importantes como as dos metalúrgicos, corticeiros, dos operários da indústria química, da cerâmica, etc., ela está longe da real influência do Partido entre estes trabalhadores.

Por outro lado os efectivos de organização em cada empresa organizada, são em geral, muito reduzidos em relação ao número de operários que nelas laboram. Há algumas grandes empresas com mais de 500 operários, onde apenas a centésima parte está organizada no Partido ao passo que em muitas outras contamos apenas com um, dois ou três camaradas. Como se vê, também aqui o recrutamento é uma ingente tarefa do Partido.

Um aspecto muito deficiente do nosso trabalho organizativo é o que se passa, por exemplo, em relação às empresas-chaves. As nossas dificuldades em distinguir o fundamental do secundário têm-nos impedido neste caso de dirigir o esforço principal do nosso trabalho organizativo para estes sectores, muitas vezes decisivos, da luta da classe operária.

Isto mostra-nos a necessidade de levar a cabo um auxílio em profundidade aos nossos quadros e organizações operárias com o objectivo de penetrar e alargar a nossa influência nestes grandes baluartes da classe operária portuguesa que são também, em potência, os maiores baluartes do Partido.

A estreiteza da nossa organização entre os operários industriais só será quebrada, aliás, quando pusermos as nossas células de empresa a discutir os problemas que mais interessam aos trabalhadores, a discutir as formas de os organizar e levar à luta, a encontrar as formas práticas de alargar a difusão da imprensa e de debater e difundir entre as massas o Programa do Partido, em resumo: quando as pusermos a viver politicamente.

(do Informe apresentado pelo camarada JOÃO)